

números até quinze numa língua totalmente desconhecida que ela chamava de javasu. Mais tarde, um marinheiro português que passava por lá, Manuel Eynesso, afirmou que compreendia o javasu e que a jovem mulher era uma princesa raptada na Indonésia por piratas e levada até a Inglaterra.

Ao cabo de algum tempo, descobriu-se que o marinheiro português era um impostor, e que inventara toda a estória, aos poucos, simplesmente porque queria falar com a moça. Posteriormente, ela mesma declarou que a brincadeira já durara o bastante, que ela era inglesa, chamava-se Mary Wilcox e inventara tudo.

No entanto, a própria estória de Mary Wilcox era inventada e jamais existira uma Mary Wilcox³. Ela acabou se casando com um inglês, teve filhos, criou-os e morreu em Bristol aos setenta anos, sem ter dado uma explicação satisfatória da sua aventura.

Como afirma Charles Fort, existem momentos em que aqueles que abafam este tipo de fenômeno fazem mal o seu trabalho. Ninguém antes de Fort pensou em perguntar como uma inglesa iletrada pudera inventar uma língua falada, uma língua complexa, com um alfabeto escrito e um sistema de numeração totalmente original.”

Este caso é típico: o aparecimento de uma pessoa falando uma língua totalmente desconhecida, quase sempre tendo consigo um mapa de uma Terra que não é a nossa, depois o desaparecimento misterioso deste indivíduo, como se o lugar de onde veio tivesse uma polícia aqui. Alguns destes casos alcançaram celebridade mundial, como o de Gaspard Hauser, que

³ A própria Mary Wilcox jamais existiu e a identidade da princesa Caraboo continua completamente desconhecida.

acaba de ser admiravelmente tratado, num plano puramente racionalista, por Jean Mistler, da Academia francesa (Edições Fayard.). Alguns outros foram reunidos por Charles Fort. Outros encontram-se espalhados por artigos de jornais. Citemos ainda alguns exemplos para tentar elaborar uma lei geral.

Um homem nu, que não falava qualquer língua conhecida, compareceu às cerimônias do casamento do rei Alexandre da Escócia em 1923. Viu-se nisto alguns presságios, mas não se conseguiu identificá-lo.

Em 1125, na Alemanha, vemos outro indivíduo que fala uma língua inteiramente desconhecida. Além disto, cospe fogo, o suficiente para incendiar alguns arbustos numa floresta. Milhares de testemunhas o viram. Também na Alemanha, no início do século XX, vemos surgir um homem falando uma língua desconhecida e que, para cúmulo do humor negro, apareceu na propriedade do barão de Frankenstein (pois existe um barão de Frankenstein e foi na sua propriedade que se filmou o primeiro filme de uma interminável série de Frankenstein.)

Apenas nos Estados Unidos, apenas durante os anos de 1954 a 1969, John A. Keel, um dos pesquisadores mais ponderados neste assunto, conta quarenta e quatro casos de seres pelo menos humanóides que abordam os transeuntes no campo americano. Não só eles não atacam, como são freqüentemente encontrados chorando ou soluçando como alguém que está perdido. Depois não são mais vistos. As testemunhas vão chamar a polícia, os guardas ou os serviços de prevenção de incêndios nas florestas e não se encontra mais ninguém.

Seria fácil conseguir pelo menos três mil casos bem consistentes entre Fort, John Keel e algumas instituições como o laboratório parafísico de Downton,